

## **MADEIRA: processo criativo do designerartista**

*WOOD: the creative processo of the designerartist*

FERNANDES, Adriana Sousa – Mestre, Universidade Federal da Bahia

adrianasilva@uneb.br

HERNANDES, Maria Herminia – Prof.<sup>a</sup> Titular, Universidade Federal da Bahia

herminia@ufba.br

MARTINS, Maria Virginia Gordilho (Viga Gordilho) – Prof.<sup>a</sup> Titular, Universidade Federal da Bahia

vigagordilhofba@gmail.com

### **Resumo**

Utilizando a madeira como gênese do processo criativo, este artigo tem como objetivo principal propiciar ao designer e ao artista reflexões sobre esta matéria como uma possibilidade de criação criativa e inovadora, inserida em um contexto crítico sobre o desmatamento. Para tanto, no processo metodológico, diluíram-se as fronteiras, denominando-se designartista, apresentando-se uma pesquisa processual no registro de cores, texturas e formas da madeira. Este artigo pretende assim, no processo criativo, destacar a importância de uma abordagem sustentável e consciente no uso de materiais, onde o aproveitamento de fragmentos de madeira, escolhidos por suas características visuais, serviram a inspiração para uma jornada transformadora. O resultado desse processo culminou na criação de um caderno de designerartista, documentando o desenvolvimento de cadeiras, unindo vivências e inovação em peças únicas, tendo como principais referências bibliográficas Brown e Farrelly (2014); Booth e Plunkett (2015); Moxon (2012) e Thompson (2015).

**Palavras-chave:** fragmentos de madeira; cores de madeira; processo criativo; sustentabilidade

### **Abstract**

*Using wood as the genesis of the creative process, this article aims to provide designers and artists with reflections on this material as a possibility for creative and innovative creation, within a critical context on deforestation. For this purpose, in the methodological process, boundaries were blurred, and the term "designartist" was coined, presenting a procedural research on the registration of colors, textures, and forms of wood. Thus, this article seeks to highlight the importance of a sustainable and conscious approach to material usage in the creative process, where the utilization of wood fragments, chosen for their visual characteristics, served as inspiration for a transformative journey. The result of this process culminated in the creation of a designartist's notebook, documenting the development of chairs, combining experiences and innovation in unique pieces, with main bibliographic references being Brown and Farrelly (2014); Booth and Plunkett (2015); Moxon (2012); and Thompson (2015).*

**Keywords:** wood fragments; wood colours; creative process; sustainability.

## 1. Introdução

A madeira, em suas diversas formas e cores, possui uma beleza intrínseca e uma história potente, o que a torna um material fascinante para a criação. Ao explorar o potencial dos fragmentos de madeira, tocos de árvores e a variedade de suas cores naturais, pode-se transformar esses elementos em assentos que não são apenas funcionais, mas que também evocam uma conexão profunda com a natureza.

O uso do toco de árvore como ponto de partida do processo criativo permitiu um diálogo com a forma orgânica e a construção natural de experiências que nos remeteram a objetos do cotidiano, como a cadeira. Esses tocos, muitas vezes vistos como resíduos após o abate das árvores, foram redescobertos como peças centrais na criação de mobiliário. Cada um, com suas imperfeições e marcas do tempo, conta uma história única, oferecendo uma base sólida e inspiradora para assentos de vivências.

Fragmentos de madeira, recolhidos por sua textura e suas características visuais, serviram como uma paleta preciosa para criação em *design*. Pedacos de maçaranduba, angelim, pinus e outras madeiras foram selecionados exclusivamente por sua durabilidade, mas também por sua capacidade de transmitir uma sensação única através de seus veios e padrões. Esses fragmentos foram observados com cuidado, respeitando-se suas particularidades e realçando suas qualidades naturais. Segundo Brown e Farrelly (2014), as cores e os materiais criam uma ambiência particular e uma experiência espacial única que carregam valores do indivíduo.

As cores das madeiras desempenham um papel crucial na estética dos assentos. A tonalidade natural da madeira – desde os tons avermelhados da maçaranduba até os suaves amarelos do pinus – pode criar um efeito visual tanto sutil quanto dramático. A combinação dessas cores, juntamente com a textura e a forma dos fragmentos de madeira, pode resultar em peças visualmente estimulantes e emocionalmente ressonantes. De acordo Booth e Plunkett (2015), a tomada de decisão na escolha de materiais não deve se basear meramente na vulnerabilidade de um recurso natural, mas também em seu esgotamento em relação ao meio ambiente. A consideração da sustentabilidade é essencial para um *design* consciente, o que Moxon (2012) deixa explícito quando assegura que devemos agir para salvaguardar nossa própria existência, garantindo que os humanos sempre tenham acesso ao mundo natural.

A partir dessas reflexões introdutórias, este artigo registra um processo criativo que considerou a observação e a documentação de tocos de árvores, fragmentos de madeira e suas cores naturais para, com eles, criar assentos de vivências. Ao valorizar cada elemento, em sua essência mais autêntica, os designers artistas, como nos autodenominamos, não somente criam mobiliários, mas também celebram a beleza e a história da madeira, oferecendo novas experiências sensoriais e emocionais para aqueles que os contemplam.

O "assento de vivência" surgiu como um conceito poético que emergiu a partir da palavra "assento", normalmente associada a lugar para sentar. No entanto, nesse contexto, o conceito vai além da simples funcionalidade, referindo-se também ao lugar ocupado por cidadãos inquietos com o desmatamento. E "vivência" se relaciona às experiências de vida, levando-nos a considerar as instalações como interativas, que desafiam a estética tradicional, a cultura convencional e até mesmo a escala usual dos objetos, criando situações em que sentar se torna impraticável ou irrelevante.

Partindo do pressuposto de que a forma é inerente a qualquer objeto, o cerne da pesquisa, em desenvolvimento no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da

Universidade Federal da Bahia - UFBA, está na perda da funcionalidade da cadeira. Com isso, existirá uma diluição de fronteiras entre a arte e o *design*, pois, juntos, ambos colaboram em uma ação poética. Assim, a composição da imagem da cadeira vem acompanhada da intenção do fazer artístico, ou seja, uma manifestação cultural ou uma externalização de sentimentos e sensações do artista, o que difere do *design*, por não carregar a obrigatoriedade de dar função ao objeto criado. Assume-se, portanto, a grafia “designerartista”, que dilui o hífen utilizado durante o período do Mestrado<sup>1</sup>, criando, assim, um neologismo.

## 2. O toco: a motivação para o processo criativo

Apresentamos, em sala de aula, o toco (Figura 01 A) de uma árvore desconhecida, que ali, despida e esculpida por cupins fervorosos, se fez presente na ausência do seu ser árvore. Por mais que um dia fosse madeira, no cerne da sua dureza, ele faz lembrar o quanto é belo seu entardecer.

Figura 1 – O toco: imagens do toco apresentado em sala de aula e do caderno de designerartista.



A) Toco apresentado na sala de aula durante o curso da disciplina Documentos de Percurso, ministrada pela Profª. Viga Gordilho, Martins, PPGAV da EBA, UFBA.



B) Capa do caderno de designerartista



C) Vista superior do toco na rosa dos ventos

Fonte: O autor (2024)

A beleza do ser verde – verde claro, verde escuro, não importa – é o desejo de ser encontrado. Quando a árvore floresce, germinam frutos que dão a continuidade a seu ser.

Mas por que o toco? Ele é a metáfora, é o começo de uma árvore, é de onde surge a vida dela, de onde surge a madeira que constrói a natureza, mas, ao mesmo tempo, é destruída.

<sup>1</sup> FERNANDES, Adriana Sousa. **A cadeira como retrato do corpo humano**: análise da forma do design-arte. 2017. 70 f. Dissertação (Mestrado) - Em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

E para que o toco? Enraíza-se nele o assento, a busca pelo *design* de cadeira, que se norteia ou se orienta através dos pontos cardeais (Figura 1 C). Demorou muito tempo, antes de entrar no processo de pesquisa. Mas, quando encontramos o toco, percebemos que ele marcava o Norte, a orientação que se buscava, o assento que se procurava, a direção para chegar ao ponto de partida, simbolizando a conexão com a terra e a natureza, bem como lembrando a importância da orientação e do equilíbrio natural. O incômodo surge quando se repara que o mais inquietante é o desaparecimento dos verdes nas cidades.

A cada dia, numa mesma estrada, percebemos cada vez menos verdes. No lugar deles, veem-se cercas surgindo e, assim, há o sumiço da cor. No lugar do vazio causado por escavadeiras que tiram a vegetação natural, aparecem pisos de concreto ou até mesmo uma grama uniforme e retilínea, por vezes artificial, o que ainda agrava a situação.

O supracitado toco foi encontrado num terreno, em Mata de São João (BA), ou, mais especificadamente, no loteamento Quintas do Castelo da Torre, na segunda etapa de Açú da Torre, durante um processo de limpeza. Nessa movimentação, mais incômodos foram surgindo.

Idas e vindas foram necessárias, pois se iniciava um novo projeto de vida, que logo foi apelidado de "casa do mato", intitulado o processo de pesquisa. O objetivo era ter uma casa no meio do mato, sem derrubar nenhuma árvore. Escolheu-se um ponto para colocar a casa, onde não seria necessário derrubar árvores. Mas logo nos deparamos com uma realidade que nos fez perceber a necessidade de mudar os planos para posicionar a casa. Assim, derrubou-se a primeira árvore. Assistimos isso de dentro de uma barraca: uma cena forte.

Escolhemos construir uma *casa-container* (Figura 2), reflexo de uma preocupação com a sustentabilidade e a rapidez na construção, o que permitiu desfrutar do paraíso ao alcance rapidamente. No início, a harmonia com a natureza foi evidente: a primeira noite foi como uma lua de mel, iluminada pela lua cheia e rodeada de vagalumes, o que motivou a desenhar a segunda cadeira, ainda em estudo. Estávamos cercadas pela mata, na escuridão.

Figura 2 – A casa do mato



Fonte: O autor (2024)

No entanto, com o passar dos dias e a permanência no terreno, surgiu a necessidade de limpeza. Assim, sem perceber, começamos a suprimir a mata nativa, o que resultou na diminuição dos vagalumes. Essa transformação foi um lembrete de que até as escolhas mais sustentáveis podem ter impactos negativos, se não forem cuidadosamente manejadas e consideradas em relação ao ecossistema local.

Essa experiência reflete a complexa relação entre seres humanos e a territorialidade, como é descrita por Milton Santos e Maria Laura Silveira (2011), ao afirmarem que:

... por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence [...] esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem. (SANTOS; SILVEIRA, 2011, p.17)

A construção da "casa do mato" exemplifica essa territorialidade humana, pois a apropriação e o uso do espaço não se limitam à ocupação física, mas também envolvem uma conexão emocional e uma responsabilidade para com o futuro. A necessidade de ajustar os planos de construção e lidar com a realidade do impacto ambiental ressalta a ideia de que a territorialidade humana não é unicamente a posse do espaço, mas implica também a gestão cuidadosa e sustentável desse espaço para garantir que ele continue a ser um lugar de vivência e de reprodução tanto para humanos quanto para outras espécies. A queda de árvores e a subsequente perda de biodiversidade, como a diminuição dos vagalumes, sublinham a responsabilidade que acompanha a territorialidade humana: a de preservar e cuidar do ambiente para as gerações futuras.

A limpeza continuou e, com isso, surgiram muitos tocos de árvores, cada um sendo removido com esforço devido ao fato de suas raízes serem profundas. Inicialmente, esses tocos eram vistos como troféus, pela dificuldade de arrancá-los. Observávamos seus formatos únicos, mas não lhes dávamos muita atenção, até visitar um vizinho que exibia um toco como escultura. Isso mudou a perspectiva.

Em uma dessas noites, ao preparar as madeiras para a fogueira, encontramos um toco e, embora não soubéssemos o que fazer com ele, decidimos guardá-lo. Ansiosos para acender a fogueira, pegaram o toco, jogando-o ao fogo. Rapidamente intervimos: "Esperem! Esse aí não! Esse nós queremos!"

O referido toco foi transportado para Salvador (BA), foi acondicionado e se iniciou um processo perceptivo mais intenso. A atenção voltada para as madeiras começou a crescer. Queríamos juntar, mexer, experimentar, ver no que resultava e pesquisar seus formatos e cores. Esse novo interesse despertou uma curiosidade em explorar o potencial artístico e funcional da madeira, transformando o que antes era visto simplesmente como resíduo em possíveis peças de arte ou utilitárias.

Em março, as chuvas vieram e muitas árvores começaram a cair. A primeira a tombar foi uma árvore que chamou a atenção quando chegamos no terreno. Era grande, com um tronco grosso, mas já estava seca, sem folhas, destacando-se no meio da imensidão dos verdes ao redor. A árvore lembrava filmes, especialmente de terror, com sua aparência seca e notória proximidade da morte. Ela estava destinada a cair e, com as águas de março, tombou (Figura 3 A). Caiu sobre a cerca, em um dia de semana, quando não podíamos estar presentes para testemunhar a queda. Nesse dia, o homem que cuidava do terreno, pegou seu machado e começou a cortá-la em vários

pedaços para liberar a estrada. Troncos grossos e finos ficaram espalhados pelo terreno e pela pista, muitos tão pesados que não se conseguia mover.

No dia seguinte, fomos ao terreno e alugamos uma motosserra para cortar os troncos em pedaços menores (Figura 3 B). Os fragmentos tinham formatos irregulares, mas eram tão belos que desejamos guardá-los. Conseguimos, assim, colocar alguns no carro e levar também para Salvador(BA). No entanto, surgiu a questão de onde armazená-los. Alguns foram guardados em apartamento, outros foram levados para a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde lecionamos a disciplina *Oficina de design experimental*, e lá ficaram guardados por um bom tempo (Figura 3 C).

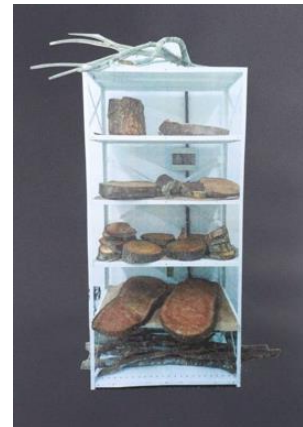
Figura 03 – Imagens da árvore e das madeiras recolhidas



A) Árvore tombada



B) Bolachas do tronco



C) Madeiras na UNEB

Fonte: O autor (2024)

Esse episódio reforçou o interesse pela madeira. Os troncos e pedaços cortados começaram a simbolizar algo mais do que puramente restos de uma árvore caída. Eles se tornaram um recurso para explorar a beleza natural, as formas e o potencial artístico da madeira, alimentando ainda mais a curiosidade e o desejo de transformar esses fragmentos em algo significativo.

### 3. Coleta de fragmentos de madeira como parte do processo criativo

Os fragmentos coletados são peças únicas, que carregam a história e as características das árvores das quais foram retirados, e se tornaram potentes para o processo de criação. Essas madeiras, muitas vezes vistas como sobras ou resíduos, na verdade, possuem um valor intrínseco e uma beleza natural que podem ser aproveitados de diversas formas.

Quando várias madeiras já haviam sido coletadas ao longo do tempo devido ao corte das árvores no terreno, o interesse por elas foi aumentando. Logo em seguida, outras madeiras foram procuradas na marcenaria, que foram cortadas e preparadas para outros fins, e começamos a observar suas cores e texturas com mais intensidade. Cada uma carregava um significado diferente, uma impressão visual distinta, uma sensação única. Ao serrá-las, os veios que surgiam inspiravam novas criações, provocando a imaginação sobre o que poderia ser feito com elas. Mesmo sem saber exatamente o quê, sabíamos que cada madeira traria memórias distintas.

A relação entre a anatomia da madeira e sua aparência é profundamente fascinante. Rob Thompson (2015), em seu livro *Materiais sustentáveis: processo e criações*, explica que “a resistência e a aparência da madeira (serrada) são determinadas por muitos fatores importantes:

espécie de árvore, possíveis defeitos, método de secagem e como ela foi cortada” (THOMPSON, 2015, p. 57). Isso significa que cada fragmento de madeira possui uma identidade única, moldada por suas origens e pelo modo como foi trabalhada.

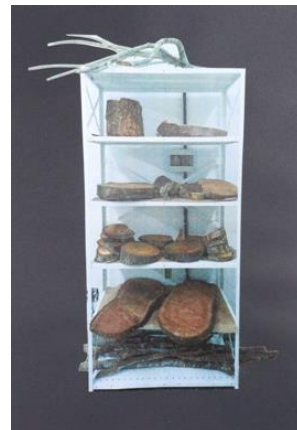
Além disso, Thompson (2015) destaca que, “no início do período de crescimento, a árvore cresce depressa, e a madeira é, tipicamente, de cor mais clara, porque as células são maiores. Anéis mais escuros indicam a maior lentidão do fim do período de crescimento.” (THOMPSON, 2015, p. 57). Esses anéis de crescimento revelam não somente a idade da árvore, mas também as condições ambientais pelas quais ela passou, criando um registro visual de sua vida.

Essas características são evidentes nos cortes feitos na árvore do terreno (Figura 4), pois as madeiras possuem cores escuras, oriundas de uma árvore que atingiu seu amadurecimento e eventualmente tombou. Os anéis de crescimento escuros indicam a passagem do tempo e as condições ambientais vividas pela árvore, enquanto o visual único de apodrecimento, acentuado pela presença de cupins, adiciona mais uma camada de história à madeira, refletindo tanto sua longevidade quanto os desafios que enfrentou.

Figura 4 – Cortes feitos na árvore do terreno



A) Corte com cicatriz na madeira



B) Madeiras organizadas na Uneb

Fonte: O autor (2024)

Outro aspecto crucial da anatomia da madeira são os raios. “Os anéis são cortados por raios, que são estruturas que radiam do centro da árvore transportando lateralmente alimento e resíduos. A combinação de anéis e raios produz padrões e manchas de cor na superfície da madeira” (THOMPSON, 2015, p. 57). Esses padrões e manchas tornam cada pedaço de madeira singular, oferecendo um vasto leque de possibilidades estéticas e criativas.

Os métodos de corte também influenciam a aparência e as propriedades da madeira. “As árvores são cortadas tangencial ou radialmente, produzindo a madeira serrada. A serra tangencial, conhecida como serra simples, é o método mais eficiente e econômico de cortar um tronco” (THOMPSON, 2015, p. 60). Esse método é amplamente utilizado por ser prático, mas o corte radial oferece vantagens específicas. “O corte radial produz um acabamento de superfície mais resistente ao desgaste, com um padrão de grão mais uniforme” (THOMPSON, 2015, p. 60). A escolha do método de corte afeta, pois, diretamente o padrão do grão e, conseqüentemente, a estética e a durabilidade da madeira.

Thompson (2015) também menciona que “a direção do grão afeta a resistência, as propriedades funcionais e a durabilidade da madeira. A superfície de uma tábua é, tipicamente, grão plano: em outras palavras, a tábua é cortada no sentido do comprimento da árvore”

(THOMPSON, 2015, p. 60). Essa consideração é crucial para entender como a madeira se comportará em diferentes aplicações e como ela pode ser melhor utilizada em criações artísticas e funcionais.

A observação dos veios e texturas da madeira, então, não é unicamente uma questão de apreciação visual, mas também uma exploração da história natural e das características intrínsecas de cada árvore. Ao utilizar esses fragmentos para criar peças, estamos não mais que dando uma nova vida a materiais que seriam descartados, mas também celebrando a complexidade e a beleza inerentes à natureza.

Esse processo de transformação da madeira implica um profundo respeito pelo material e pelo meio ambiente, reconhecendo o valor e a história de cada fragmento. A conexão íntima com os veios e texturas da madeira permite uma criação mais consciente e significativa, pois cada peça carrega consigo as memórias e a essência das árvores de onde vieram.

Cada fragmento, principalmente, evoca a importância das árvores no terreno, cada uma proporcionando uma sombra única e uma sensação especial. Quando redes foram colocadas ao redor das árvores, para criar áreas de sombra, uma dessas madeiras foi transformada em banco para sentar, colocado próximo a uma mesa. Assim, novas vivências foram criadas, destacando-se a beleza e a funcionalidade dessas madeiras reutilizadas.

Figura 5 – Estudos de espécies e texturas de madeiras



A) Fragmentos de madeiras selecionados

B) Página do caderno de designerartista

Fonte: O autor (2024)

A caixa com fragmentos de madeira (Figura 5) tornou-se um arquivo significativo, por refletir uma curiosidade aguçada. Continha pedaços de maçaranduba, angelim, compensados, pinus, entre outros. Esses fragmentos não foram recolhidos com um propósito utilitário, mas sim para servir de fonte de inspiração e observação, possibilitando reflexões matéricas para a construção de assentos e vivências.

O processo criativo com madeira é uma jornada que envolve a transformação de um material natural e bruto em objetos funcionais e esteticamente agradáveis. Esse processo começa com a escolha da madeira, considerando suas características únicas, como veios, porosidade, dureza e tonalidade. Cada tipo de madeira – maçaranduba, angelim, compensado, pinus, ou outro – oferece possibilidades distintas e inspira diferentes criações. Depois da seleção, vem a fase de preparação. A madeira é cortada, lixada e tratada, revelando suas texturas e seus padrões naturais. Nesse estágio, o “designerartista” observa atentamente cada detalhe, permitindo que a madeira



"diga" o que quer ser. As imperfeições e os veios são valorizados, muitas vezes ditando o rumo do projeto.

A inspiração, portanto, surge de várias fontes: da própria madeira, das memórias associadas a ela, das necessidades práticas e das influências estéticas do "designerartista". Durante a criação, a madeira pode ser esculpida, entalhada, unida a outros materiais ou deixada em seu estado mais natural. Esse é um processo interativo, em que o criador frequentemente ajusta suas ideias e técnicas em resposta ao material. Cada novo objeto criado carrega a essência da árvore original, proporcionando uma experiência sensorial e emocional para aqueles que interagem com ele.

Assim, o processo criativo com madeira se tornou uma combinação de técnica, inspiração e respeito pelo material. Cada peça final é única, refletindo tanto a beleza intrínseca da madeira quanto a visão de seu criador.

#### 4. Cores de madeira como parte do processo criativo

Observa-se que as cores das árvores são variadas, pois elas refletem uma combinação complexa de fatores biológicos, ambientais e sazonais. Segundo Paula (2022), as cores das folhas são devidas, principalmente, a corantes naturais, como a clorofila (verde), carotenoides (amarelo, laranja) e antocianinas (vermelho, roxo). A clorofila é predominante durante a primavera e o verão, enquanto os outros pigmentos se tornam mais visíveis no outono, quando a produção de clorofila diminui.

Além dessa diversidade de cores nas folhas, as árvores também são categorizadas de acordo com o tipo de madeira que produzem. Segundo Sam Booth e Drew Plunkett (2015), "... há duas categorias de madeira: a madeira de lei (ou dura) e a madeira macia (ou branca, de coníferas)" (BOOTH; PLUNKETT, 2015, p. 123). As madeiras de lei são de árvores de crescimento lento, com anéis de crescimento bastante compactos, o que gera um material denso e duro. Elas são valorizadas por suas ricas cores naturais e sua grã (fibra) decorativa.

Essa valorização é intensificada pela beleza intrínseca e a durabilidade dessas madeiras. No entanto, Sam Booth e Drew Plunkett (2015) ressaltam que "algumas das madeiras de lei mais exóticas e apreciadas vêm de espécies protegidas e em perigo de extinção ou vulneráveis, geralmente obtidas nas florestas tropicais." (BOOTH; PLUNKETT, 2015, p. 123).

Portanto, tanto as cores vibrantes das folhas quanto as qualidades distintas das madeiras refletem a complexa interação de fatores naturais que influenciam o desenvolvimento das árvores. Essa dualidade entre a beleza visual das árvores e a valorização econômica de suas madeiras sublinha a necessidade de uma gestão sustentável e consciente dos recursos florestais.

A transição de cores das árvores, ao longo das estações, é um processo dinâmico. No outono, as árvores decíduas mudam suas cores devido à diminuição da clorofila e à exposição de outros pigmentos. Esse espetáculo de cores vibrantes é conhecido como folhagem de outono, ou "*foliage*", de acordo a Paula, 2022. Diferentes espécies de árvores exibem diferentes tons e padrões de cores, criando uma paisagem variada e visualmente deslumbrante.

Com essas perspectivas, foi criado um caderno de designerartista (Figura 6), que contém fragmentos, texturas e cores de madeira. O objetivo era registrar a inquietação das observações do percurso de pesquisa.

Figura 6 – Página do caderno de designerartista (fragmentos e cores de madeira)



Fonte: O autor (2024)

Além da exploração dos fragmentos mencionados anteriormente, experimentou-se também as cores da madeira, observando as diversas tonalidades de marrom, de acordo com a tipologia da árvore. São elas, de acordo a Paula (2022):

1. **Ébano:** é conhecido por sua cor preta intensa e uniforme, frequentemente usada em detalhes finos e instrumentos musicais.
2. **Imbuia:** possui uma cor que varia de um marrom claro a um marrom escuro, com tons de verde e dourado. É frequentemente usada em móveis e marcenaria de luxo.
3. **Cumaru:** também conhecido como "teca brasileira", apresenta uma cor que varia do marrom claro ao marrom avermelhado, com possíveis listras mais escuras. Utilizada em móveis para área externa.
4. **Cedro:** tem uma cor que varia do rosa claro ao marrom avermelhado. É valorizado por sua fragrância e resistência a insetos.
5. **Pau marfim:** apresenta uma cor amarelada a marfim claro, como sugere o nome. É frequentemente usado para trabalhos finos e detalhados em madeira.
6. **Óleo vermelho:** ou *wood oil*, tem uma cor que varia do marrom avermelhado ao marrom profundo, dependendo da espécie exata.
7. **Maçaranduba:** é conhecida por sua cor vermelho-acastanhada, que pode escurecer com o tempo e a exposição ao ar. Utilizada para arcabouços estruturais, como o telhado.
8. **Vinhático:** possui uma cor que varia do marrom claro ao marrom avermelhado, com um tom dourado que lhe confere um brilho especial.
9. **Peroba Rosa:** A peroba rosa tem uma cor que varia do rosa claro ao rosa escuro, frequentemente com veios e padrões interessantes.

Essas diferentes tonalidades e texturas foram essenciais para ilustrar a diversidade e a riqueza dos materiais naturais, além de capturar a essência das observações feitas durante o percurso de pesquisa. Cada tipo de madeira, com sua cor e características únicas, contribuiu para a criação de uma obra visualmente rica e expressiva, refletindo a profunda conexão entre o artista e os elementos naturais estudados.

A elaboração da página do caderno de designerartista permitiu uma exploração aprofundada dos materiais naturais, especificamente das madeiras e suas variações de cores e texturas. Esse trabalho enriquece a prática artística e a prática do designer através do uso de diferentes madeiras, como também evidencia a importância de se observar e documentar as nuances de cada material utilizado.

Ao utilizar madeiras como ébano, imbuia, cumaru, cedro, pau marfim, óleo vermelho, maçaranduba, vinhático e peroba rosa, a obra demonstra como as variações naturais podem ser integradas na arte e no design para criar peças únicas e significativas. A diversidade de tonalidades, desde o preto intenso do ébano até o rosa claro da peroba rosa, revela a riqueza visual que esses materiais podem trazer. “Os materiais estão cheios de significados, [...] é importante entender as leituras e conotações alternativas que podem influenciar um conceito espacial.” (BOOTH e PLUNKETT, 2015, p. 118)

Além disso, essa documentação constitui um exemplo importante do estudo e da experimentação no processo artístico e do design, mostrando que a observação atenta e a manipulação criativa dos materiais são fundamentais para a expressão artística. Através da combinação de fragmentos, texturas e cores, a obra final não só representa a jornada de pesquisa do “designerartista”, mas também celebra a beleza intrínseca dos recursos naturais.

## 5. Considerações sobre sustentabilidade

O uso de tocos de árvores e fragmentos de madeira, materiais frequentemente considerados resíduos, reflete um compromisso com a reutilização e a valorização dos recursos naturais. Ao transformar esses elementos em fontes de inspiração, promove-se uma abordagem consciente e responsável em relação ao meio ambiente. “A madeira é um material benéfico ao ambiente. Não é poluente, é biodegradável e pode ser reciclada ou usada como biocombustível” (THOMPSON, 2015, p. 58).

A sustentabilidade se manifesta de várias maneiras ao longo do processo criativo descrito:

1. **Reutilização de materiais descartados** – Ao utilizar tocos de árvores e fragmentos de madeira que seriam descartados, evita-se o desperdício, dando uma nova vida a esses materiais. Isso reduz a quantidade de resíduos e conserva os recursos naturais, ao diminuir a necessidade de derrubar novas árvores para a produção de móveis.

2. **Valorização das características naturais** – Cada fragmento de madeira, com suas imperfeições e marcas do tempo, é valorizado por sua singularidade. Esse respeito pelas características naturais dos materiais promove uma conexão mais profunda com a natureza e incentiva a apreciação da beleza autêntica da madeira, sem a necessidade de processos industriais que possam ser prejudiciais ao meio ambiente.

3. **Consciência ambiental no processo criativo** – A escolha de construir uma casa-*container* reflete uma preocupação com a sustentabilidade e a rapidez na construção, minimizando o impacto ambiental. No entanto, o relato das dificuldades enfrentadas ao tentar preservar a vegetação nativa enquanto se limpa o terreno destaca a complexidade das decisões sustentáveis e a necessidade de um planejamento cuidadoso para minimizar os impactos negativos no ecossistema local.

4. **Inspiração para novas práticas sustentáveis** – A transformação de fragmentos de madeira em peças de arte e mobiliário inspira outros artistas e *designers* a adotarem práticas mais

sustentáveis. Ao demonstrar que é possível criar obras belas e significativas a partir de materiais reciclados, este trabalho encoraja uma abordagem mais responsável e inovadora na utilização dos recursos naturais.

5. **Conexão com a natureza** – A criação de assentos que evocam uma conexão profunda com a natureza proporciona novas experiências sensoriais e emocionais e reforça a importância de preservar e proteger o meio ambiente. Essa conexão simbólica entre o designerartista, o material e a natureza destaca a necessidade de uma abordagem sustentável em todas as etapas do processo criativo.

Esses itens são exemplos inspiradores de como a sustentabilidade pode ser integrada na prática artística. Através da reutilização de materiais descartados, da valorização das características naturais da madeira e da promoção de uma consciência ambiental, demonstra-se que é possível criar obras que também respeitam e celebram a natureza. Essa abordagem sustentável enriquece a prática artística e contribui para a preservação do meio ambiente, oferecendo novas perspectivas e práticas que podem ser adotadas por artistas e *designers* em todo o mundo.

## 6. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, explorou-se a beleza e a história das madeiras em suas diversas formas texturas e cores. Utilizando tocos de árvores, fragmentos de madeira e suas cores naturais, foi possível criar assentos de vivências que se conectam com a natureza. Este processo criativo destacou a importância de valorizar materiais que, muitas vezes, são vistos como resíduos, transformando-os em peças centrais de estudos para possíveis criações artísticas e/ou de design.

O uso do toco de árvore como ponto de partida, no processo criativo, permitiu um diálogo com a forma orgânica e a construção natural de experiências que remetem a objetos do cotidiano, como a cadeira. Os fragmentos de madeira, selecionados por suas texturas e características visuais únicas, serviram como uma rica paleta para o *designer*, permitindo a criação de peças visualmente estimulantes e emocionalmente ressonantes.

A exploração das cores das madeiras revelou uma diversidade de tonalidades que vão desde o preto intenso do ébano até o rosa claro da peroba rosa. Essas cores, juntamente com as texturas e formas dos fragmentos de madeira, contribuíram para a criação de obras visualmente ricas e expressivas, refletindo a profunda conexão entre o designerartista e os elementos naturais estudados. Cada tipo de madeira, com suas características únicas, ajudou a ilustrar a diversidade e a riqueza dos materiais naturais, capturando a essência das observações feitas durante o percurso de pesquisa.

Além disso, este trabalho serve como um exemplo da importância do estudo e da experimentação no processo metodológico do designer e do artista. A observação atenta e a manipulação criativa dos materiais são fundamentais para se expressar. Através da combinação de fragmentos, texturas e cores, a obra final não só representa a jornada de pesquisa do designerartista, mas também celebra a beleza intrínseca dos recursos naturais, oferecendo novas experiências sensoriais e emocionais para aqueles que a contemplam.

Este estudo reafirma a importância de uma abordagem sustentável e consciente no uso de materiais naturais, destacando a possibilidade de criar beleza e funcionalidade a partir do que, muitas vezes, é considerado desperdício. Em última análise, o processo criativo com madeira revela-se uma jornada fascinante de transformação, em que o respeito pelo material e a inspiração se

combinam para criar objetos únicos que refletem tanto a beleza da madeira quanto a visão de seu criador.

## Referências

BROWN, Rachael; FARRELLY, Lorraine. **Materiais: no design de interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

BOOTH, Sam; PLUNKETT, Drew. **Mobiliário: para o design de interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

MOXON, Siân. **Sustentabilidade no design de interiores**. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2012.

PAULA, Martinho de. **Todas as Cores de Madeira**: Visite: <https://suadecoracao.com/cores-de-madeira/>: escuras, claras, catálogo e inspiração. Escuras, Claras, Catálogo e Inspiração. 2022. Disponível em: <https://suadecoracao.com/cores-de-madeira/>. Acesso em: 06 jul. 2024.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller Ltda, 2011.

THOMPSON, Rob. **Materiais sustentáveis: processos e produção**. São Paulo: Senac, 2015.